

GUSMÃO, Alexandre de. Arte de criar bem os filhos na idade da puerícia. São Paulo: Martins Fontes, 2004, 305 p. Edição organizada por Renato Pinto Venâncio e Jânia Martins Ramos.

César de Alencar Arnaut de Toledo*
Vanessa Freitag de Araújo**

O padre jesuíta Alexandre de Gusmão nasceu em Lisboa em 1629 e faleceu em 1724 na Bahia. Desembarcou no Brasil em 1644 e, em 1646, ingressou na Companhia de Jesus no Rio de Janeiro, ordenando-se em 1664. É fundador e foi reitor do Seminário de Belém da Cachoeira (Bahia), que possuía caráter popular e no qual crianças pobres, filhos dos moradores do sertão, estudavam as primeiras letras e tinham acesso à cultura erudita. A questão educacional sempre esteve presente em sua vida e obra. Escreveu, entre livros e sermões, 13 obras: *Escola de Belém, Jesus nascido no presépio* (Évora, 1678), *Arte de criar bem os filhos na idade da puerícia* (Lisboa, 1685), *História do predestinado peregrino e seu irmão Precito* (Lisboa, 1682), *Sermão na catedral da Bahia de Todos os Santos* (1686), *Meditação para todos os dias da semana* (1689), *Meditationes digestae per annum* e *Menino Cristão* (1695), *Rosa de Nazaré nas montanhas de Hebron* (1709), *Eleição entre o Bem e o Mal eterno* (1717), *O corvo e a pomba da Arca de Noé e Árvore da vida* (1734), *Compendium perfectionis religiosae* (1783) e *Preces recitandae statis temporibus ab alumnis Seminarii Bethlemici* (data de publicação incerta).

A edição aqui resenhada foi organizada por Renato Pinto Venâncio e por Jânia Martins Ramos. O livro *Arte de criar bem os filhos na idade da puerícia*, edição de 2004 da editora Martins Fontes, de São Paulo, preenche uma lacuna no que diz respeito à publicação de textos clássicos brasileiros sobre o tema da infância.

Com 305 páginas, *Arte de criar bem os filhos na idade da puerícia* – que sugere fundamentos teológicos para a boa educação de meninos e meninas e traz conselhos práticos aos pais e mestres – trata-se de uma grande contribuição para a construção do conceito de infância no Brasil. A obra, em sua edição brasileira, possui apresentação, cronologia e notas feitas por Venâncio e Ramos e se divide inicialmente em: dedicatória “Ao menino de Belém JESUS Nazareno”, Prólogo ao leitor e Licenças. Em um segundo

momento, o livro é desenvolvido em duas partes. A primeira se subdivide em 19 capítulos.¹ A segunda, intitulada “Como hão de haver os pais na criação dos meninos”, é disposta em 25 capítulos² e, finalizando a obra, o índice onomástico.

Na apresentação do livro, os organizadores fazem uma contextualização do tema da história da

¹ Intitulados respectivamente: “Da importância da boa criação dos meninos”; “Explica-se a importância desta criação dos meninos com algumas semelhanças aos padres”; “Da utilidade da boa criação dos filhos enquanto meninos”; “De quanta utilidade seja para os pais a boa criação dos filhos”; “De quanta utilidade é para toda a república a boa criação dos meninos”; “Da obrigação que têm os pais de criar bem os filhos na idade de meninos”; “Quão severamente castiga Deus nesta vida os pais negligentes na boa criação dos filhos”; “Quão severamente castiga Deus na outra vida os pais negligentes na boa criação dos filhos”; “Quanto se agrada Deus dos pais que sabem criar bem seus filhos”; “Quais estejam mais obrigados à criação dos meninos, os pais ou as mães”; “Da obrigação dos tutores aios e mestres de meninos”; “Dos pais que enjeitam os filhos pelos não criar”; “Da crueldade dos pais que matam os filhos pelos não criar ou por outros respeitos humanos”; “Da boa criação dos meninos enjeitados”; “Da boa criação dos meninos órfãos”; “Do cuidado que devem ter os pais dos meninos defuntos”; “Como se hão de haver os pais com os filhos e má condição”; “Que naquilo em que os pais puseram os filhos na puerícia ficarão toda vida” e, finalmente, “Do cuidado que os antigos tiveram da boa criação do meninos”.

² Estes são: “De quanta importância é oferecer a Deus a criança logo em nascendo”; “Como se hão de haver os pais com os filhos na primeira idade de infantes”; “De quanta importância é para a boa criação dos meninos serem criados aos peitos de suas próprias mães”; “Que coisas principalmente devem prevenir os pais aos meninos tanto que chegam aos anos da descrição”; “Do temor de Deus e ódio ao pecado em que se devem criar os filhos desde a puerícia”; “Do amor da castidade e horror a toda torpeza com que se devem criar os meninos”; “Dos pais que permitem ou dissimulam aos filhos coisas desonestas”; “De outros vícios próprios dos meninos, de que os devem afastar os pais”; “Quanto importa para a boa criação dos meninos o bom exemplo dos pais”; “Da boa companhia dos meninos”; “Que se não devem criar os meninos à vontade”; “Quanto dano causa criar os meninos com mimo”; “De quanta importância é criar os meninos em piedade e devoção”; “De quanta importância é criar os meninos na devoção da Virgem Maria, Nossa Senhora”; “Da boa eleição do mestre dos meninos”; “Do respeito e obediência a seus mestres, aios e tutores em que se hão de criar os meninos”; “Quanto importa castigar os meninos quando erram”; “Que não devem ser demasiadamente severos os pais nos castigos dos meninos”; “Que não hão de amaldiçoar nem praguejar os filhos, mas encomendá-los a Deus e a Virgem Nossa Senhora”; “Qual deve ser o amor dos pais na criação dos meninos”; “Como devem os pais inclinar os filhos na puerícia”; “De quanta importância é inclinar os filhos ao estado religioso logo de sua puerícia”; “Se convém que os filhos tomem o estado religioso na idade da puerícia?”; “Dos jogos e brincos dos meninos” e, finalizando, “Do especial cuidado que se deve ter na criação das meninas”.

* Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá. E-mail: caatoledo@uem.br

** Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá. Tutora do curso de Pedagogia à distância da Universidade Estadual de Maringá. E-mail: vanessa1104@gmail.com

infância e apresentam um percurso que passa pela construção do seu conceito moderno e contemporâneo, iniciado durante a Reforma Protestante e a Reforma Católica. Citam Philippe Áries (1914-1984), importante autor de estudos sobre o tema. Mostram que, apenas após a publicação de seu livro *L'enfant et la vie familiale sous l'Ancien Régime*³ – no qual mostrava a descoberta da infância no período do Renascimento e o surgimento do sentimento de infância no século XVII –, em 1960, é que pôde ser verificado um aumento significativo do número de autores que pesquisam o tema, especialmente na obra de John Locke e de Erasmo de Rotterdam. A apresentação também trata do início da literatura voltada para a educação e o cuidado das crianças, que vinha sendo produzida desde os primórdios do século XVI. Tendo como principal autor João de Barros, ela foi enriquecida pela colaboração da literatura médica, através de autores como Manoel de Azevedo, que escreveu *Correção de abusos introduzidos contra o verdadeiro método da medicina e farol medicinal para médicos, cirurgiões e boticários*. Em suma, os organizadores percorrem o caminho que a literatura sobre a infância fez até chegar ao padre Alexandre de Gusmão – cujas visões sobre a educação e sobre a infância expressam a pedagogia jesuítica em seu apogeu, o que significa dizer que ela representava a hegemonia católica sobre a educação, e não apenas sobre a religião, nos domínios portugueses – e os critérios utilizados para a edição do livro.

Na dedicatória “Ao menino de Belém JESUS Nazareno”, no Prólogo ao leitor e nas Licenças, o autor explica a importância de seu livro, para quê o escreveu e expõe as autorizações de membros da Companhia de Jesus para a impressão do livro. Em todo o livro o autor recorre a grandes filósofos, à Bíblia e a histórias populares para dar sustentação à sua obra e reforçar seus conselhos. Ao observar os títulos dos capítulos do livro, pode-se ter uma nítida noção dos conteúdos dos temas abordados, uma vez que Gusmão expôs de maneira clara todos os seus pressupostos para a boa educação sugeridos no decorrer da obra, seguindo uma linha de raciocínio coerente e de fácil compreensão. Tendo em vista que a metodologia pedagógica dos jesuítas era sistematizada pelas regras contidas no *Ratio Studiorum*, pode-se notar sua influência no modo como o autor desenvolveu seu texto e conselhos – valendo-se da repetição, com os ensinamentos sendo passados e retomados diversas vezes, seguidos por exemplos e histórias que os ratificam – e na forma como a disciplina rígida é colocada como condição para a boa criação e para a educação. Vale lembrar que no século XVII houve uma grande valorização da infância. Isso porque, com as reformas religiosas, a criança

passou a ser tida como caminho de salvação para o Homem, portanto, ao preservar e corrigir a infância seria possível mudar o rumo da humanidade. Esse fato torna o livro de Alexandre de Gusmão ainda mais necessário como objeto de estudo do tema da infância e ratifica sua importância no cenário da educação para crianças pequenas.

Nessa abertura, Alexandre de Gusmão mostra que o intuito do livro é formar um menino perfeito na adolescência, explicando aos pais, famílias e professores como ensinar os filhos a andarem segundo os passos de Jesus Nazareno. Destaca, como é próprio da Companhia de Jesus, que ensinar e encaminhar os meninos para uma boa instrução, seguindo Jesus, é cumprir uma missão religiosa. Ele justifica sua resolução de escrever o livro aos pais para que estes tenham um guia e possam cumprir a missão de educar os filhos. Recomenda que deem o livro às filhas quando elas se casarem e forem ter seus próprios filhos.

A parte I discute, principalmente, a importância da boa criação dos meninos, a utilidade dessa educação e a obrigatoriedade dos pais e preceptores de oferecê-la aos infantes, expondo as terríveis consequências e maldições decorrentes da má criação, que prejudicam tanto a própria criança quanto os seus responsáveis. Essa primeira parte é uma análise dos fundamentos teológicos para a boa educação. No primeiro capítulo, Gusmão mostra a criança como se fosse uma tábua rasa. Depende dos pais e/ou educadores assegurar o que será pintado nesta tábua: anjo ou demônio. No segundo capítulo da primeira parte do livro, o autor cita vários exemplos sagrados que destacam como é importante implantar nas crianças virtudes, e não vícios. No terceiro capítulo, cita Santo Agostinho e a Patrística e recorre a ensinamentos do Espírito Santo, mostrando a utilidade da boa criação e que seu destino final é a paz de espírito e a consistência no caminho de Deus e seus mandamentos.

Nos capítulos seguintes, Gusmão cita como exemplo a boa educação oferecida por Aristóteles quando era preceptor de Alexandre, o macedônio. Diz que o filho sábio aproveita a boa criação. Explica que filhos bem criados sabem criar melhor seus próprios filhos quando os têm. Destaca também a importância para a sociedade da boa educação e da boa criação das crianças. Cita como exemplo Atenas, que se reergueu graças à boa educação transmitida. Indica outros exemplos de ruína da sociedade onde houve descaso com a educação das crianças. Escreve sobre a importância da constante vigilância dos pais sobre os filhos, citando novamente São Tomás de Aquino e o livro de Êxodos. Recorda também como maus cuidados durante a puerícia recaem sobre os pais quando as crianças entram na adolescência.

³ Há uma versão resumida, traduzida para a língua portuguesa, intitulada de *História social da criança e da família*, publicada pela primeira vez no Brasil em 1973. Desde então, várias edições foram feitas dessa obra no Brasil.

Em “Como hão de haver os pais na criação dos meninos”, o autor sugere conselhos práticos aos pais, mostrando quão importante é, para ele, oferecer a criança a Deus a fim de que se torne uma pessoa justa, digna e temerosa. Especifica o papel da mãe e do pai na criação dos filhos. Discute também quais virtudes devem ser estimuladas nas crianças, bem como quais vícios devem ser evitados, discorrendo sobre o papel da religião e jogos nas vidas dos meninos e, por último, fazendo uma análise do especial cuidado que se deve ter na criação das meninas.

O livro de Alexandre de Gusmão é um tratado sobre a educação do século XVII, no qual se pode analisar a concepção de educação católica no Brasil Colonial e como ela era aplicada. A obra relembra que o conceito educação não abrange somente o conteúdo escolar, mas, também o convívio social, compreendendo regras de etiqueta e comportamentos ditos socialmente aceitáveis para a época. Sobre a importância histórica da obra do padre jesuíta Alexandre de Gusmão, é indiscutível que, para entendermos sua concepção da educação de crianças pequenas no Brasil, temos antes que entender a história da Companhia de Jesus e seu método de ensino. Em se tratando de educação de crianças pequenas, o autor, apesar de pouco estudado, mostra-se um dos mais importantes do período.

A edição desta obra deve ser saudada como uma possibilidade de renovação efetiva das fontes para o estudo da infância no Brasil, para o estudo da atuação da Companhia de Jesus e para o próprio estudo da história da educação brasileira.